



remaea

Mudança climática e os riscos de um futuro ecofascista em *O Conto da Aia: uma leitura histórica e ecocrítica*

Jo Klanovicz¹

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5110-9028>

Ana Clara dos Santos Ramos²

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5240-9916>

Resumo: Buscamos refletir sobre a contribuição d’O Conto da Aia, de Margaret Atwood (1985) e de suas literariedades para a reflexão sobre os riscos políticos e sociais que a mudança climática pode gerar, tais como a emergência de um regime político ecofascista. Fazemos apontamentos sobre o livro publicado em 1985 e da série iniciada em 2017, prestando atenção na natureza de cada uma das produções. Entendemos a obra como um produto de cultura da mídia e como um texto ambiental que pode ser interpretado a partir de uma leitura que articula análise histórica e ecocrítica, no contexto contemporâneo de ecoansiedade. A obra permite perceber como produções culturais podem ser importantes meios para perceber como o tema da mudança climática e da crise ambiental têm gerado metáforas sobre os riscos da mudança climática no passado e no presente e suas consequências sociopolíticas.

Palavras-chave: Ecocrítica. Mudança climática. Literatura. História.

Cambio climático y los riesgos de un futuro ecofascista en *El Cuento de la Criada: una mirada histórica y ecocrítica*

Resumen: Se busca discutir el aporte d’El Cuento de la Criada, de Margaret Atwood (1985) y su literariedad a la reflexión sobre los riesgos políticos y sociales que puede generar el cambio climático, como el surgimiento de un

¹Docente do Departamento de História (campus Unicentro Santa Cruz, Guarapuava) e coordenador do Centro de História Ambiental, Cultura & Tecnologia (@chat.unicentro). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC-Unicentro) e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-Udesc). Pesquisador externo do Centro de Estudios de La Argentina Rural (CEAR-Universidad Nacional de Quilmes). Bolsista Pq2-CNPq. Email: jo@unicentro.br

²Historiadora e pesquisadora do CHAT-Unicentro. Coordena o projeto “Cinema Ambiental do CHAT”. Email: anaclarasantos2609@gmail.com

régimen político ecofascista. Tomamos notas sobre el libro publicado en 1985 y la serie iniciada en 2017, prestando atención a la naturaleza de cada una de las producciones. Entendemos la obra como un producto de la cultura mediática y como un texto ambiental que puede ser interpretado desde una lectura que articule el análisis histórico y la ecocrítica, en el contexto contemporáneo de la ecoansiedad. El trabajo permite comprender cómo las producciones culturales pueden ser medios importantes para entender cómo el tema del cambio climático y la crisis ambiental han generado metáforas sobre los riesgos del cambio climático en el pasado y presente y sus consecuencias sociopolíticas.

Palabras-clave: Ecocrítica. Cambio climático. Literatura. Historia.

Climate change and the risks of an ecofascist future in ‘The Handmaid’s Tale’: a historical and ecocritical analysis

Abstract: This article discusses the contribution of *The Handmaid’s Tale*, by Margaret Atwood (1985), and its literariness to the reflection on the political and social risks that climate change can generate, such as the emergence of an eco-fascist political regime. We read the book published in 1985 and the series started in 2017, paying attention to the nature of each one of the productions. We take these products as part of a great media culture, as well as environmental texts that can be seen through historical analysis and ecocritical analysis, in the current context of ecoanxiety. The novel and the series allow us to understand how cultural productions can be important means for understanding how the theme of climate change and the environmental crisis have generated metaphors about the risks of climate change, past and present, and their sociopolitical consequences.

Keywords: Ecocriticism. Climate change. Literature. History.

Introdução

No contexto das percepções e atitudes para lidar com as incertezas das mudanças socioambientais contemporâneas – que incluem crise climática e outras crises como acesso a terra, a alimentos e riscos de doenças – diferentes produtos culturais no presente e no passado, têm repercutido em escala global. Parte significativa das percepções têm sido construída midiaticamente, por diferentes meios, desde a literatura, a TV e o cinema até a plataforma (MINTZ, 2019) da comunicação ambiental.

Entre as respostas a cenários de incerteza quanto à habitabilidade planetária que caracterizam o Antropoceno (CHAKRABARTY, 2009), a “ansiedade climática” ou ecoansiedade tem sido uma noção válida que permite construir parte do entendimento sobre as percepções dos impactos negativos da mudança ambiental (COFFEY *et al.*, 2021, 100047), com impacto em processos educativos, na imaginação ambiental contemporânea e ainda com implicações políticas e comunicacionais.

Neste artigo, buscamos, desde uma mirada histórica e ecocrítica, refletir sobre a contribuição da obra *O Conto da Aia*, da autora canadense Margaret Atwood (1985) e de suas literariedades como produtos de uma cultura da mídia que, refletindo o contexto de

ecoansiedade (PIHKALA, 2020), aponta para os riscos políticos e sociais que a mudança climática pode vir a construir, sugerindo o perigo de um regime político ecofascista. Tecemos considerações sobre o livro publicado em 1985 e as temporadas da série a partir de 2017, prestando atenção na natureza de cada uma das produções.

Entendemos a produção literária e de *streaming* ligadas a '*O Conto da Aia* na perspectiva de uma cultura midiática cujas imagens, sons e espetáculos, de acordo com o que pontua Douglas Kellner (2011, p. 9), “ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade.” A cultura da mídia, que é uma tecnocultura avançada, vibrante e altamente lucrativa, produz narrativas que “fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo hoje” (KELLNER, 2011, p. 9).

Ao prestar atenção n'*O Conto da Aia* a partir dos seus sentidos éticos ligados à crise climática, estamos interessados em trabalhar com as dimensões que estruturam discursos ambientais na trama, e os riscos apresentados por um futuro que deriva dessa crise, marcado por um regime político ecofascista.

Em um primeiro momento, pontuamos o impacto e a importância da literatura e suas literariedades para a imaginação ambiental do presente e do futuro. Nesse sentido, não perdemos a oportunidade de discutir, também, o conceito de imaginação ambiental e de textos ambientais, com vistas a articular essa produção literária e suas literariedades com as representações que dela derivam em torno das questões ambientais e de um regime político ecofascista. Depois, discutimos a obra a partir de suas partes para mostrar o que ela pretende. Por fim, retomamos a ecoansiedade como instrumento necessário para pensar a mudança climática.

É importante, como ponto de partida, estabelecer o que entendemos como ecofascismo. O termo tem sido debatido em diferentes arenas e campos das ciências humanas, Michael Zimmerman e Teresa Toulouse (2016) definem o ecofascismo como regime político autoritário em relação à proteção da natureza, algo que foi característico do nazismo e do fascismo do período entreguerras na Europa, onde estados sofisticaram a legislação de

proteção da natureza, atribuindo à natureza tanto o sentido de melhoramento como o de moralização (OTOYA, 2020).

Imaginação ambiental e a dimensão ambiental de obras literárias

Especialmente desde o final do século 20, a globalidade de temas ambientais como poluição, contaminação nuclear e catástrofes climáticas foram desenhando parte significativa das ansiedades modernas (BUELL, 2011). A ideia de um mundo ameaçado ambientalmente, que já habitava a literatura a partir de outras chaves, passou a construir pontes entre o risco como experiência histórica (GIDDENS, 1991) e temores ambientais atualizados. Nos anos 1980, Ulrich Beck, em *A Sociedade de Risco* (originalmente publicado em 1986), chamava atenção sobre a necessidade de refletirmos acerca das incertezas como uma nova forma de estrutura da sociedade contemporânea, pouco antes do desastre de Tchernóbil ter se tornado uma preocupação global.³ Parecia que elementos ficcionais que trabalhavam as metáforas do medo se encontravam com a realidade da poluição causada por indústrias, bem como com o risco causado por isótopos. Em meio à globalização dos problemas ambientais, do esfacelamento das certezas políticas causada pelo fim do bloco socialista ou das incertezas econômicas causadas pela desregulamentação dos mercados frente à emergência do neoliberalismo, as distopias, que já ofereciam metáforas para pensar futuros negativos para a humanidade tiveram fôlego renovado a partir dos anos 1980.

Como gênero literário, distopias não constituíam, no momento em que Margaret Atwood publicou *O Conto da Aia*, uma novidade; grande parte do estilo literário da distopia já havia sido construído em obras como *1984*, de George Orwell ou *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. O que caracterizava essas obras, publicadas em diferentes momentos, era a discussão sobre o equilíbrio entre liberdades individuais e estruturas de coesão social, bem como sobre o lugar de indivíduos em sociedades futuras e negativas (ALIHODŽIĆ; JERKOVIĆ, 2016, p. 7).

³ Sobre o desastre e suas repercussões globais, ver PETRYNA, Adriana. **Life exposed: biological citizens after Chernobyl**. Princeton: Princeton University Press, 2013; ALEXIJEVICH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

N'O Conto da Aia, uma materialidade discursiva que pauta ao mesmo tempo características comuns às distopias que apontam para o lugar de indivíduos em sistemas negativos de poder no futuro com questões ambientais importantes, e que acabam por ser não apenas pano de fundo de tramas humanas, mas também parte fundamental da sustentação dessas histórias. Quando lidas dessa forma, é importante considerar o passado da construção textual das obras literárias, suas literariedades e consumo.

A obra original de Atwood de 1985 e sua plataformização a partir de 2017 são trechos de uma mesma via pela qual a crise ambiental veio sendo midiaticizada e, mais recentemente, plataformizada (MINTZ, 2019). Em outros termos, essa longa duração e reinvenção de uma obra literária que discute questões ambientais e imagina futuros ambientais abriga tanto os objetos centrais da midiaticização das questões ambientais, tais como seus textos, sentidos e representações, como também a ampliação da temática a uma série de setores da vida social, com impacto em larga escala. É possível que o conjunto desses fatores percebidos na obra de Atwood possa ter relação com a emergência da ficção climática no âmbito da literatura a partir dos anos 2010, discutida por Adeline Johns-Putra (2019). Parte dessas operações culturais de atenção às mudanças climáticas na geração de metáforas, cenários, personagens e narrativas literárias está ligada aos problemas existenciais e filosóficos que delas derivam em contexto no qual a ecologização da política e a politização da ecologia foram sendo reforçadas.

De um ponto de vista histórico, estudos de história ambiental cultural permitem pontuar que a crise climática também representa uma crise das temporalidades, onde o presente parece se estender indefinidamente solapando ideias tradicionais de futuro que foram, entre o século 19 e 20, quase que galvanizadas na escrita da história do ocidente. Esse regime historiográfico antropocênico (LOPES; VIANNA Jr, 2020) permite refletir sobre o passado das mudanças climáticas, suas formas de apropriação, construção e reprodução como referente circulante (LATOIR, 2004).

Nesse sentido, uma leitura atenta à construção cultural das mudanças climáticas remete a produtos midiáticos de repercussão global pelo menos desde os anos 1960, quando os ambientalismo contemporâneos emergem multissetorialmente (PÁDUA, 2010). Na literatura, que já apresentava escritas diversas sobre o mundo natural ou sobre problemas ambientais pelo menos desde o século 19, o ímpeto renovado das narrativas sobre crise

ambiental é inaugurado pelo livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson (1962). É essa obra literária que, escrita por uma bióloga, estabelece os tropos e um modelo de narrativa que será sucessivamente apropriado pela comunicação ambiental na medida em que o movimento ambientalista contemporâneo vai se fortalecendo globalmente. Greg Garrard (2000) pontua, dessa forma, que *Primavera Silenciosa* utiliza alguns recursos imagéticos sobre as questões ambientais que estabelecem uma forma particular de narrativa, que articula desde o ideal pastoral de ambiente até o apocalíptico.

Lawrence Buell (1995; 2011) tem discutido essa dimensão de obras literárias prestando atenção na escrita da natureza e suas imaginações ambientais. O autor sugere que leiamos algumas obras literárias como textos ambientais, ou seja, como produções culturais que estabelecem, em seus discursos, a dimensão ambiental não apenas como um pano de fundo para ações humanas e, sim, como agente de influência sobre as intenções humanas sobre o mundo. Nessa perspectiva ecocrítica de texto, obras literárias podem ser interpretadas como fontes para a pesquisa histórica interessada nas percepções, valores e representações de temas ambientais no passado e no presente, bem como suas orientações em torno de futuros mais ou menos ambientalmente viáveis. Nesse sentido, Buell (1995, p. 3) pontua que:

Embora as artes criativas e críticas pareçam distantes das arenas de investigação científica e das políticas públicas, elas claramente exercem, ainda que inconscientemente, uma influência sobre a cultura emergente da preocupação ambiental, uma vez que desempenham uma parte significativa na mudança ou pelo menos na expressão de quaisquer aspectos da cultura humana. Um sentido óbvio dessa verdade é que nós vivemos nossas vidas por meio de metáforas que nos parecem transparentes por meio de seu longo uso [na linguagem].

A atenção aos produtos midiáticos e culturais de Margaret Atwood presentes no pacote *d'O Conto da Aia* permitem visualizá-los a partir da ótica de textos ambientais de amplo apelo comunicativo e que evocam sentidos éticos sobre questões climáticas, entre eles o de vulnerabilidade compartilhada. Johns-Putra (2019) sugere que a apreensão dessas percepções nos textos literários e suas literariedades pode ser realizada pela adoção de um modelo crítico

e eudemonístico⁴ de leitura com vistas a perceber, na literatura, sua habilidade de educar para questões climáticas. A leitura que fazemos, então, percorre, observadas as características que compõem o livro e a série homônima, as duas mídias para tecer apontamentos necessários.

Problemas ambientais n’O Conto da Aia

O Conto da Aia foi escrito pela canadense Margaret Atwood e publicado pela primeira vez em 1985. A primeira edição nos EUA, no ano seguinte, foi recebida de maneira polarizada pela crítica literária, haja vista ser uma distopia teocrática. Jornais como *The Washington Post* e *The New York Times* passaram a qualificar Atwood como uma referência em distopias, enfatizando que a obra tratava da energia nuclear, poluição ambiental e de uma sociedade antifeminista no futuro (FALON, 2017). Em 1990, a primeira adaptação para o cinema foi lançada. Em 2017, o texto literário começou a ser adaptado para se tornar uma série exibida em plataforma streaming pela produtora Hulu. Em 2023, a série está na quinta temporada, com previsão de uma temporada final.

Na obra, a protagonista é narradora. Offred, que tinha um outro nome antes de viver na República de Gilead, June Osborn, desloca a leitura para dentro de uma sociedade teocrática cristã que havia sido implantada por meio de um golpe paramilitar que se apossou de parte do território dos EUA no século 22. Na trama, Gilead é um regime teocrático que se orgulha de conseguir manter taxas de natalidade regulares e produção de alimentos orgânicos, frutas e água sem contaminação. Sugere-se que, na conjuntura global do século 22, Gilead é um lugar que, recorrendo ao puritanismo, inclusive com impactos econômicos, conseguiu despoluir o solo, preservar as florestas e manter produção agrícola em um contexto global de desastre ecológico. A industrialização da sociedade capitalista, nesse sentido, também representou um sentido de corrupção e pecado.

⁴A leitura eudemonística de questões ambientais pode ser descrita objetivamente como aquela capaz de, por meio de estratégias narrativas, discutir problemas ecológicos do passado, do presente e do futuro por meio de argumentos que apresentam evocações cativantes, principalmente construindo a ligação entre texto e leitores/as a partir da emoção, da empatia, esperança, desejo e outros apelos afetivos. Ver: von MOSSNER, Alexa W. **Affective ecologies: empathy, emotion, and environmental narrative**. Columbus: The Ohio State University Press, 2017.

O sucesso de uma agricultura descontaminada convive com um regime de violência material e simbólica contra mulheres. Em Gilead, as aias são as mulheres que permaneceram férteis depois que a radiação e a poluição atingiram diferentes países causando uma radical queda da taxa de natalidade global. Designando uma parcela crucial dessa sociedade, as aias são escravizadas, tornando-se propriedades temporárias a serem usadas por homens que dirigem a república, os “comandantes”. Nesse mundo autoritário, antifeminista e ecologicamente equilibrado, a estrutura social extremamente rígida apresenta os seguintes atores principais (Quadro 1).

Quadro 1- Estrutura social de Gilead

| Homens | | Mulheres | |
|-------------------------------------|--|--|---|
| Olhos | A polícia secreta de Gilead, que tem o poder para denunciar crimes dos Comandantes | Tias (vestem roupas marrons) | Mulheres que podem ler, reprimir e controlar as Esposas e as Aias, representando o braço feminino do poder coercitivo do estado |
| Comandantes (vestem ternos pretos) | Controlam Aias e Esposas e exercem funções no alto escalão da República de Gilead | Esposas (vestem roupas azuis, fazendo referência à Virgem Maria) | Têm controle doméstico sobre as Aias e Marthas, não são férteis, não podem ler e são submissas aos Comandantes |
| Anjos | Forças armadas da república, que podem ter Aias e algumas regalias do estado | Marthas (vestem roupas verdes) | Empregadas domésticas que servem às Esposas e aos Comandantes |
| Guardiões | Policiais de rua e guardas pessoais. Dificilmente mudam de status social | Econoesposas (vestem roupas cinzas) | Trabalham e podem ter família, desde que não tenham cometido pecado |
| Econopessoas (vestem roupas cinzas) | Trabalham e têm suas famílias, desde que não tenham cometido pecado | Aias (vestem traje vermelho, representando o sangue) | São férteis, têm todos os direitos reprimidos e devem ter filhos com Comandantes |
| Não-Bebês | Natimortos e bebês que nascem com deficiências graves | Não-Mulheres | Aquelas que cometeram algum pecado ou não conseguiram conceber |

| | | | |
|--|--|----------|--|
| | | | filhos. São enviadas às colônias |
| | | Jezebéis | Prostitutas que servem aos comandantes de Gilead |

Fonte: própria (2022)

Nessa sociedade que separa homens e mulheres, os papéis de gênero, as classes sociais, o trabalho e a punição são baseados em uma interpretação radical da Bíblia e pensados por um grupo seletivo de homens. Essa sociedade que estabelece um regime profundamente violento, antifeminista e autoritário é a mesma sociedade que se orgulha de ter reduzido a poluição ambiental de seu território, tendo se tornado o único país capaz de fornecer produtos orgânicos para países vizinhos. Tanto no início do livro quanto da série, essa narrativa se destaca, ao mostrar que, frente ao caos ambiental anterior, o regime autoritário e teocrático pode construir estratégias de produção agrícola para uma sociedade global que não conseguiu mais obter alimentos saudáveis.

As florestas temperadas são acionadas para descrever comportamentos, moralidade e gênero na trama, retomando uma relação profunda entre colonialismo, império e clima que emergiu no século 18 em obras como as do pensador francês Montesquieu. É possível perceber, no livro e na série, que as flores e as sementes são usadas como significado de fertilidade. Quando Tia Lydia afirma que “algumas de vocês cairão em solo infértil ou espinhoso, [...] Pensem em si próprias como sementes [...]” (ATWOOD, 2017, p. 29). Sua fala está representando o poder de um estado profundamente violento com relação às aias, mas que ao mesmo tempo em que articula a fertilidade das mulheres com a infertilidade construída pela ação humana no território. Já as flores são acionadas de maneira diferente para as mulheres férteis e para inférteis. Quando Offred fala de Serena Joy, esposa do comandante Fred, observa que:

Está com um de seus melhores vestidos, azul-celeste com bordados em branco aplicados ao longo das orlas do véu: flores e ornamentos. Mesmo em sua idade ainda sente a necessidade de se engrinaldar com flores. Não tem nenhuma utilidade para você, penso dirigindo-me a ela, não pode mais usá-las, você está murcha. Flores são os órgãos genitais das plantas (ATWOOD, 2017, p. 100).

Fertilidade é tema crucial da obra. Quando transitamos das páginas para o streaming, a infertilidade é apresentada como uma praga divina lançada aos humanos devido à poluição ambiental e outras escolhas insustentáveis do passado. Tia Lydia afirma, nesse sentido, afirma que “tudo eles transformam em uma bagunça; enchem o ar com substâncias químicas, radiação e veneno; então Deus acabou incitando uma praga especial, a praga da infertilidade” (ATWOOD, 2017). A decrescente natalidade é atribuída a desastres, radiação e poluição ambiental:

As probabilidades são de uma para cada quatro; aprendemos isso no Centro. Houve uma época em que o ar ficou carregado demais de substâncias químicas, raios, radiação; a água enxameava com moléculas tóxicas; tudo isso leva anos para pôr em ordem; enquanto isso, elas penetram em seu corpo, se acumulam nas células adiposas do corpo. Quem sabe, sua própria carne pode estar poluída, suja como uma praia onde houve um derramamento de petróleo; morte certa para os pássaros marítimos e bebês ainda por nascer (ATWOOD, 2017, p. 136-137).

Na série (temporada 1, episódio 2), essa informação tem maior intensidade narrativa do que no livro. Descobrimos que, na cidade onde uma das embaixadoras que visita Gilead para firmar negócios agrícolas nasceu, não há uma criança nascida viva nos últimos seis anos (ATWOOD, 2017, p. 357). O mundo pré Gilead é um lugar onde (ATWOOD, 2017, p. 357-358):

Bebês natimortos e com deformidades genéticas tornaram-se comuns e seus números entraram em crescimento, e essa tendência tem sido relacionada aos vários acidentes em usinas nucleares, panes e ocorrência de sabotagem que caracterizaram o período, bem como os vazamentos de estoques de armas químicas e biológicas e de locais de depósito de lixo tóxico, dos quais muitos milhares existiam, tanto legais quanto ilegais – em alguns casos esses materiais eram simplesmente lançados no sistema de esgotos – e ao uso descontrolado de inseticidas químicos, herbicidas e outras substâncias líquidas pulverizadas.

Uma das embaixadoras conta que a maioria dos alimentos já não se ajusta ao novo padrão climático e isso acontece em diferentes países (temporada 1, episódio 6). A percepção da dimensão climática da trama aparece mais na série que no livro, que estava preocupado com a contaminação ambiental prioritariamente. A série de 2017 inaugura maior atenção a

temáticas como a radical diminuição da emissão de poluentes, a descarbonização e a ênfase na dimensão orgânica da produção agrícola. Em certa medida, isso permite redimensionar a questão da produção de alimentos, carnes, leite, mel e frutas, especialmente laranjas, construídas como marcas profundas da recuperação ambiental do território (ATWOOD, 2017, p. 36-37).

Figura I – Aias selecionando laranjas no mercado. A presença de laranjas é reiterada no livro e na série como símbolo da agricultura orgânica de Gilead



Fonte: The Handmaid's Tale Brasil (2022).⁵

Esse mundo de crise ambiental também é apresentado de outras maneiras, quando a ênfase descritiva recai sobre a escassez de peixes e crustáceos, e da extinção de baleias. O livro informa que os lugares de pesca desapareceram, os peixes de criadouros têm gosto e lama e que algumas áreas costeiras estão sendo deixadas de repouso na tentativa de reverter esse quadro (ATWOOD, 2017, p. 197). O plástico foi praticamente abolido como embalagem, há pouca carne bovina e suína e o acesso a elas é limitado para todas as classes.

Serena Joy, esposa de um dos comandantes de Gilead diz a uma embaixadora que o país “reduziu a emissão de carbono em 78% em três anos”, e que a república teve “grandes

⁵ Disponível em: <https://www.handmaidsbrasil.com/2020/03/eu-nao-preciso-de-laranjas-eu-preciso-gritar-eu-preciso-pegar-a-metralhadora-mais-proxima.html>. Acesso em: 11 de jul. 2022.

progressos na limpeza do meio ambiente e na restauração de um estilo saudável e moral de vida” (temporada 1, episódio 6).

O apelo visual da série reforçou algumas narrativas do livro. Em uma viagem de carro feita por Serena Joy e seu Comandante (temporada 1, episódio 11) há um diálogo entre ambos no qual Serena chama atenção para a paisagem: “Lembra como esse lugar era antes de Gilead? Fábricas em ruínas...” – então o comandante responde: “ar poluído, água suja...” – Serena complementa: “Parece que fizemos o mundo voltar ao seu estado natural”.

A construção ideal de um mundo sem poluição contrasta com submundos do trabalho, como por exemplo o das lavanderias comerciais da capital da república, espaços que têm acesso proibido às aias devido à grande quantidade de substâncias químicas usadas para lavar roupas.

No livro, o trabalho forçado nas colônias, punição para homens e mulheres que descumprem determinadas regras ou leis mostra ainda mais problemas ambientais, pois há colônias especializadas na incineração de cadáveres, outras para receber lixo tóxico e radioativo, bem como outras voltadas à agricultura. Na série, as colônias são espaços destinados unicamente às mulheres. Nas colônias:

As pessoas passam o tempo fazendo limpeza. [...] Por vezes são apenas cadáveres, depois de uma batalha. Os corpos daqueles que vivem nos guetos das cidades são os piores [...] as mulheres nas Colônias por lá cuidam de queimá-los. As outras Colônias, contudo, são piores, há os depósitos de lixo tóxico e a radiação que vaza. Nessas eles calculam que você tenha três anos no máximo, antes que sua pele se despregue e saia como luvas de borracha (ATWOOD, 2017, p. 294-295).

Figura II – Colônias



Fonte: The Handmaid's Tale Brasil (2022).⁶

Esses e outros fragmentos textuais e imagéticos acionam imaginações ambientais de um futuro distópico perturbador, que se desdobra na organização urbana, nas hierarquias sociais, nos papéis de gênero, na distribuição social do trabalho, bem como nas relações internacionais.

É possível perceber, em primeiro momento, que a degradação ambiental anteriormente estruturada nos modelos de produção e consumo do capitalismo dos EUA levaram a sociedade a um apocalipse ambiental, ocasionado por inúmeras contaminações químicas ou nucleares. Foi essa crise ambiental que gerou, na perspectiva do texto, infertilidade, diminuição da natalidade e contexto para a emergência de uma ideologia fundamentalista que propunha uma sociedade para o futuro, profundamente calcada na religião cristã e especialmente autoritária com relação às mulheres, nas suas funções reprodutivas.

Do livro à série: o que *O Conto da Aia* permite pensar entre diferentes mídias

Em um futuro carente de recursos naturais, produtos agrícolas, água e ar puros e principalmente de crianças, Gilead, apesar de ser um regime teocrático extremamente

⁶ THE HANDMAID'S Tale Brasil. Disponível em: <https://www.handmaidsbrasil.com/p/colonias.html>. Acesso em: 11 de jul. 2022.

violento, do ponto de vista das relações internacionais é tolerado por países vizinhos que dependem de seus produtos. Internamente, os defensores e administradores da república se apropriam de um passado ambiental desequilibrado para sustentar o regime, aproximando natureza descontaminada a ideais de moralidade e fertilidade que têm a ver com a flora, com a agricultura orgânica e com o isolamento de áreas nas quais produtos químicos são comuns.

Na trama, os problemas ambientais servem de justificativa para a emergência de uma sociedade pretensamente despoluída, mas na qual as lutas ambientalistas estão ausentes. Para um livro que nasceu nos anos 1980, uma década marcada pela reflexão em torno das incertezas ambientais e da globalização de problemas ecológicos – tais como a devastação de florestas tropicais, o futuro das usinas nucleares, os limites do desenvolvimento e os riscos à camada de ozônio – o trato metafórico e ficcional de Atwood dado a questões ambientais e climáticas na Gilead do século 22 permitia discutir os perigos da apropriação de conceitos ambientalistas e práticas ecológicas pelo que seria uma sociedade que guinou à extrema direita.

A circulação da questão do tóxico na sociedade bem como a preocupação em torno da dimensão climática na obra de Atwood tem relação, a nosso ver, com o que o historiador ambiental José Augusto Pádua (2010) pontuou como a ‘modernidade da questão ambiental’, ou seja, a ‘ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical e inescapável para a comunidade da vida humana’ (p. 83).

O cenário de caos ambiental anterior à instalação da república de Gilead se relaciona com dois tropos do discurso ambientalista já aparentes na literatura norte-americana, desde o século 19. Greg Garrard (2005) identificou o primeiro deles como sendo o discurso pastoral, de uma natureza primordial, intocada, que, devido à voracidade do capital, da cidade, dos pecados humanos e da impureza, veio a ser contaminada. Parte fundante dos ambientalismos dos anos 1960 esteve amparada nesse discurso ou soube usá-lo para produzir imagens e debates sobre os efeitos nocivos da indústria química na agricultura, ou sobre os riscos da contaminação nuclear depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Rachel Carson, em *Primavera Silenciosa* simbolizou essa apropriação posicionando, na esfera pública dos EUA, os argumentos e imagens que viriam a ser utilizadas por grupos ambientalistas a partir dali. Outro discurso maximizado pelos ambientalismos do pós-guerra era o de um apocalipse

secularizado, marcado pelos riscos construídos por humanos sobre o mundo. Desgraça, finitude, crise, morte e extinção se fundem em uma imagem de futuro ameaçado em razão da voracidade humana que fez produzir apenas escassez, fome, degradação ambiental e no qual ou a natureza ou alguma divindade promoveriam algum acerto de contas.

Entre a emergência dos novos ambientalismo do pós-guerra e o lançamento d'*O Conto da Aia*, a literatura distópica estava profundamente presa a questões políticas e humanas, mas já indicava, pelo menos, elementos de uma imaginação ambiental pastoral ou apocalíptica. Não é forçoso considerar, nesse sentido, que ambientalistas e conservacionistas como o francês Jacques-Yves Cousteau têm visibilidade global nos anos 1980, assim como o GreenPeace é um movimento consolidado de pressão sobre corporações e estados nacionais. Do outro lado da moeda da expansão dos ambientalismo, retóricas conservadoras e reacionárias intercalam negacionismos patrocinados por indústrias ou estados, mas também permitem um exercício de apropriação de algumas pautas ambientalistas para reforçar agendas que serão denominadas de ecofascistas, tais como controle populacional ou fechamento de fronteiras a migrantes.

A Gilead como república teocrática posicionava a questão ambiental da fertilidade e da mudança climática no cerne da constituição do país e ambos os assuntos parecem estar mais realçados na série, em substituição a um tema que era mais evidente nos anos 1980, que era o risco radioativo. A desgraça da ausência de crianças decorria tanto de problemas do excesso de agrotóxicos, da contaminação causada pela pulverização de árvores frutíferas, dos pesticidas que permaneciam no pasto que servia de alimento para vacas, do óleo despejado nos rios e mares e do vazamento de radiação de reatores nucleares. A alteração climática aparece quando se discutem a produção agrícola e a pesca, bem como a extinção de baleias. As respostas a esses problemas só podem ser executadas, especialmente no discurso construído pela série, a partir de um estado autoritário que conseguiu descarbonizar seu território em menos de cinco anos.

Ao fornecer víveres orgânicos e água despoluída transformando-as em trunfos comerciais com outras nações em um futuro onde Gilead se torna o único lugar em que é possível se observar o nascimento de crianças, no nível das relações internacionais, a trama

aponta para uma profunda vista grossa de outras nações com relação à violação de direitos humanos básicos do regime teocrático.

A única solução para deter problemas advindos da mudança climática estaria da aceitação de estados ecofascistas no futuro? Na Gilead do século 22, preocupação com produção orgânica, com a descarbonização, com a preservação ambiental no contexto de uma guinada radical de vida são conceitos sequestrados de movimentos ambientalistas do passado, que foram desenvolvidos no âmbito de sociedades democráticas. Ao operar discursivamente esses sequestros na trama, Atwood incorpora uma imaginação ambiental que aponta para os riscos dessas apropriações conservadoras e reacionárias sobre a temática do clima e da poluição, com consequências sociopolíticas importantes.

Entre elas, por exemplo, a aproximação da imagem das mulheres férteis, as aias com a flora, o simbolismo do nascimento e a cor vermelha mostram que elas são profundamente encaradas como *commodities*. À capacidade reprodutiva das mulheres, Nascimento (2019) observa que a realocação feminina ao longo da trama apresenta uma dimensão pragmática, para além da ideologia da república, pois é sua condição de fertilidade que as transformam em recursos a serem explorados em meio a um ambiente global em plena mudança ambiental.

Considerações finais

O Conto da Aia oferece metáforas para pensarmos os riscos que escolhas ecológico-políticas do passado podem gerar, bem como as consequências socioeconômicas e ambientais de sociedades que, acuadas por eventos extremos, poderiam mergulhar no irracionalismo e no autoritarismo como forma de solução imediata de problemas. A projeção de futuros pessimistas como o desenhado por Atwood permite a visualização e a reflexão crítica sobre guinadas conservadoras do ponto de vista ambiental, social, político e econômico no mundo real, e o terror que isso significa para a leitura das interações entre seres humanos e mundo natural. Ao descrever e narrar processos que acontecem em uma teocracia cristã, a trama proposta pela autora estabelece uma ampla discussão, especialmente sobre os papéis de gênero em Gilead, algo que já tem sido consistentemente discutido pela literatura analítica em torno de distopias.

O Conto da Aia, especialmente atualizado pela série, permite ir além da dimensão dos problemas ambientais representados no livro dos anos 1980 para alcançar um novo patamar no contexto da ansiedade climática contemporânea. Agora, mais do que antes, a emergência climática serve como motivo fundamental para a construção de um projeto violento de estado teocrático, que despe mulheres de sua humanidade, igualando-as à fauna e flora a serem igualmente dominadas. Ademais, não se trata apenas de um estado violento contra mulheres, mas um estado que legitima essa violência a partir da conservação ambiental, o que permite discutir temas como justiça ambiental, racismo ambiental e acesso restrito a recursos naturais.

Referências

ALEXIJEVICH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

ALIHODZIC, Demir; JERKOVIC, Selma V. **The boundaries of dystopian literature: the genre in context**. Tuzla: O.o.d., 2016.

ATWOOD, Margaret E. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BUELL, Lawrence. **The environmental imagination**. Boston: Belknap Press, 1995.

BUELL, Lawrence. **Writing for an endangered world**. Boston: Belknap Press, 2011.

CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of History: four theses. **CriticalInquiry**, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.

COFFEY, Yumiko *et al.* Understanding eco-anxiety: a systematic scoping review of current literature and identified knowledge gaps. **The Journal of Climate Change and Health**, 3, e100047, 2021.

FALLON, Claire. 2017. **What Critics Said About The Handmaid's Tale Back in the 1980s**. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/handmaids-tale-original-reviews_n_58e7de23e4b058f0a02f0adb Acesso em: 3 ago. 2023.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da UnB, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Cambridge: Polity Press, 1991.

HULU. Disponível em: www.hulu.com Acesso em: 26 set. 2022.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 22.ed. São Paulo: Globo, 2014.

JOHNS-PUTRA, Adeline. **Climate Change and the Contemporary Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2011.

MILLER, Bruce. The Handmaid's Tale é uma história enraizada na mudança climática, diz o produtor executivo Bruce Miller. Entrevista concedida a Cynthia Littleton e traduzida pelo site saibama.is. **Variety**, 8 set. 2020. Disponível em: <https://saibama.is/the-handmaids-tale-e-uma-historia-enraizada-na-mudanca-climatica-diz-o-produtor-executivo-bruce-miller/>. Acesso: 1 maio, 2022.

MINTZ, André G. Miatização e plataformização: aproximações. **Revista Novos Olhares**, v. 8, n. 2, p. 98-198, 2019.

NASCIMENTO, Monique B. O conto da aia: Uma análise sobre a divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero. **Revista Idealogando**, v. 3, n. 2, p. z-w, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/243059>. Acesso em: 13 jul. 2022.

ORWELL, George. **1984**. Jandira: Principis, 2021.

OTOYA, Natascha. Reflexões sobre ecofascismo em tempos de pandemia. Labhen - Laboratório História e Natureza. Disponível em: https://labhen.historia.ufri.br/reflexoes-sobre-ecofascismo-em-tempos-de-pandemia/#_ftn3 Acesso em 31 ago. 2023.

PÁDUA, José A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009> Acesso em: 17 maio 2010.

PETRYNA, Adriana. **Life exposed: biological citizens after Chernobyl**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

PIHKALA, Panu. Eco-Anxiety and Environmental Education. **Sustainability**. v. 12, n. 23, 10149, 2020.

THE HANDMAID'S TALE. Roteiro: Bruce Miller. Estados Unidos: Hulu, 2017-. Son., color. Série exibida pela Globoplay, Amazon Prime Video e Paramount+. Acesso em: 02 abr. 2022.

von MOSSNER, Alexa W. **Affective ecologies: empathy, emotion, and environmental narrative**. Columbus: The Ohio State University Press, 2017.

ZIMMERMAN, Michael; TOULOUSE, Teresa A. ADAMSON, Joni; GLEASON, William A.; PELLOW, David. Keywords for environmental studies. New York: New York University Press, 2016. p. 64-67.

Submetido em: 04-08-2023

Publicado em: 27-12-2023